



ZÜCHTIGUNGSTHEATER IN DEN STÄDTEN

TEATRO DO CASTIGO NAS CIDADES¹

Elisabeth Blum

Soziale Plastik Disziplinierung Überwachung Sicherheitspolitik Konflikte
Plástica social disciplinarização vigilância política de segurança conflitos

Die Stadt als heiss umkämpfte „Soziale Plastik“. Die Städte sind heute die Haupt- schauplätze drastischer gesellschaftlicher Veränderungen. Als strategische Terrains für Konflikte sind sie, mit Joseph Beuys gesprochen, das plastische Material, von dessen Bearbeitung alles abhängt. Im schlechtesten Fall werden sie zu Schauplätzen nackter Überlebenskämpfe von immer mehr Menschen, die in Armut absinken und anderen, die sich in urbanen Sicherheitstrakten verschanzen. Im besten Fall zu solchen, an denen, im wörtlichen wie im übertragenen Sinne Raum geschaffen wird für die Aus- einandersetzungen darüber, wie die Städte nicht nur Orte des Überlebens und Versteckens, sondern Orte des guten Lebens für möglichst viele werden könnten.

A cidade como “escultura social”² em disputa acirrada. As cidades são hoje os principais palcos de mudanças sociais drásticas. Como territórios estratégicos para conflitos, são, na linguagem de Joseph Beuys, o material plástico do qual todo processo deriva. Na pior das hipóteses, se tornarão arenas de luta pela mera sobrevivência de cada vez mais pessoas que afundam em pobreza e outras que, em procedimento de segurança urbana, se protegem atrás de muros. Na melhor das hipóteses cidades se transformariam nesses tipos de espaços de confronto, em sentido literal e figurado da palavra, nos quais não só se tornariam lugar de sobrevivência e esconderijo, como também, para possivelmente muitos, lugar bom de se viver.

THEATRE OF PUNISHMENT IN CITIES | The city is a “social sculpture”¹ (Soziale Plastik) in a tough battle. Today cities are the main scenes of radical social change. As strategic territories for dispute, they are, in the words of Joseph Beuys, the plastic material on which all their processes depend. In the worst case scenario, they will become fighting arenas for mere survival of more and more people plunging into poverty and others who, in a procedure of urban security, protect themselves behind walls. In the best case, cities would become in these types of confrontation spaces, literally and figuratively speaking, where they would not only be a place of survival and a hideaway but also a good place to live. | Social sculpture, disciplining, vigilance, security policy, dispute

Casas/Häuser
Favela Parque Royal, Rio de Janeiro, 2012
Foto Elisabeth Blum

Jean Starobinskis *Das Leben der Augen* beginnt mit dem Satz „Das Verborgene übt einen Zauber aus“¹. Jenseits des vom Autor in seiner Einleitung skizzierten Kontextes, jenseits also der unzerstörbaren Liebe zu den Märchen, deren Schätze „in dunkler Tiefe versteckt und eingeschlossen sind“ und nur jenen Helden zugänglich sind, die ihr Ziel unbeirrbar im Auge behalten und für dessen Eröberung gar ihre Existenz aufs Spiel zu setzen bereit sind, jenseits auch der Tradition der Kritik an der „Leidenschaft für das Verborgene“, die in ihr mal die „Lockung des Teufels“, mal die des „Gottes“ gesehen hat, jenseits der „Macht der Abwesenheiten“, alles dessen also, was durch das Anwesende nur angedeutet oder verstellt präsent ist und deswegen als Versprechen oder Gefahr in irgend-einem Jenseits des Sichtbaren lokalisiert sein muß, gewinnt die Idee der Leidenschaft für das Verborgene heute in der profanen Welt des städtischen Alltags eine ganz andere,brisante Aktualität. Nicht mehr ein geheimnisvolles Inneres oder ein unerreichbar entferntes Abwesendes ist Ziel der Aufmerksamkeit, sondern, genau umgekehrt, all die alltäglichen Gesten, Handlungen und Bewegungen der Menschen im städtischen Leben. Als würde die Zeit der Introspektion abgelöst durch eine Zeit, in der die reichen Gesellschaften beginnen, ihre Aufmerksamkeit auf alles potentiell Erfäßbare ihrer Mitglieder zu richten, alles aufzuzeichnen, zu kontrollieren, zu designen, zu disziplinieren.

Dass wir in einer Gesellschaft leben, in der die therapeutischen Praktiken ihrer Mitglieder in wenigen Jahrzehnten jede andere Art von ‚Willen zum Ausdruck‘ mühelos überflügelt haben, zeigt das ungeheure gesellschaftliche Potential der Neugier jenem Unsichtbaren gegenüber, das sich nach außen hin nur in undeutlich lesbaren Spuren zeigt. Nicht nur aufdringliche Regungen wie Ängste und Phobien, Behinderungen wie Erröten und Stottern,

A vida dos olhos (Das Leben der Augen), de Jean Starobinski, começa com a frase “O oculto exerce um encantamento.”³ Além do contexto introduzido pelo autor, além do amor indestrutível dos contos de fadas, nos quais os tesouros “estão escondidos e trancados em profunda escuridão” e só são acessíveis àqueles heróis que têm diante de si objetivos claros e estão dispostos até mesmo a colocar a própria existência em risco por sua conquista. Muito além da tradição da crítica à “paixão pelo oculto” que experimentou às vezes a “atração do diabo”, outras a “atração divina”, para além do “poder das ausências”, tudo, enfim, que através da presença é apenas insinuado ou está disfarçadamente presente e por isso, como promessa ou ameaça, tem que estar localizado em algum lugar para além do visível. A ideia da paixão pelo oculto ganha hoje no mundo profano do cotidiano urbano outra atualidade, diferente e conflituosa. O alvo das atenções não é mais um mero interior cheio de segredos ou uma ausência distante e inalcançável, mas, pelo contrário, todos os gestos, ações e movimentos cotidianos das pessoas na vida urbana. Como se por um momento tivesse sido dissolvido o tempo de introspecção, no qual as sociedades ricas começam a direcionar suas atenções para tudo que seja potencialmente apreensível; tudo filmam, controlam, moldam, disciplinam.

O fato de vivermos numa sociedade na qual as práticas terapêuticas de seus membros, em poucas décadas, facilmente suplantaram todo tipo de “vontade de expressão” mostra o enorme potencial social da curiosidade sobre aqueles invisíveis que só se revelam através de rastros ilegíveis. Não só sentimentos perturbadores como medos e fobias, bloqueios como ruborizar-se e gaguejar, mas também supostas tendências de genialidade com ou sem razão devem ser transformadas numa forma de expressão suportável e produtiva.

zu Recht oder Unrecht vermutete Anlagen zum Genialischen sollen in erträglichere beziehungsweise produktive Formen des Ausdrucks verwandelt werden. Das Interesse der Neugier richtet sich auf alles, was sich in etwas anderes, möglicherweise besseres übersetzen lässt. Diese Sucht des Aufdeckens von brachliegenden oder verstellten Möglichkeiten durch Übersetzen in etwas anderes hat die Städte mit einem eigens hierfür entstandenen Infrastrukturnetz überzogen. Mannigfaltigste Inseln der Intimität, Orte im Stadtplan, in denen Traummaterial, Muskelspannungen, Hemmungen und Talente in nützlichere Formen von Wirklichkeit überführt werden wollen. Innenräume, geschützt vor dem öffentlichen Blick, vor den privaten und gesellschaftlichen normativen Vorstellungen und Interessen irgendeines „comme-il-faut“. Orte für das zerbrechliche Entblößte.

In den neunziger Jahren nimmt nun die „Leidenschaft für das Verborgene“ neue Formen an. Jetzt geht es um die Erstellung eines Archivs, dessen Material nicht eigentlich der Welt des Verborgenen angehört. Im Gegenteil, was die Menschen tun, wenn sie auf die Straße gehen, mit wem sie sich treffen, wieviel Geld sie am Bankschalter abheben, ob sie einer gesuchten Person gleichen, für all dies hat sich bis vor kurzem kaum jemand interessiert. Jetzt plötzlich rücken all diese Alltäglichkeiten ins Zentrum der Frage nach der öffentlichen Sicherheit. Die Stadt selber wird zum Ort des Entblößens. Beinahe alles, was sich im Stadttag zutragen könnte, ist a priori von einem umgekehrten, nach außen gerichteten Voyeurismus begehrte. Parallel zu dieser Ausstülpung der Aufmerksamkeiten in den städtischen Raum schreitet die Disziplinierung der Städter voran. Eine Veränderung unseres Alltags im radikalen Sinn ist im Gange, ein gesellschaftliches Ereignis von einem Ausmaß, das buchstäblich alle trifft, gleichgül-

O interesse da curiosidade se direciona a tudo que se deixa traduzir em outra coisa, provavelmente melhor. Esse vício de expor possibilidades que estão em repouso ou disfarçadas em outra coisa cobriu as cidades com uma rede própria de infraestrutura surgida com esse propósito. Diversas ilhas da intimidade, lugares no planejamento urbano, no qual materiais de sonho, contrações musculares, inibições e talentos querem ser convertidos em formas úteis de realidade. Espaços internos, protegidos do olhar público, das concepções normativas privadas e sociais e interesses de algum *comme-il-faut*. Lugares para ‘o frágil’ exposto e descoberto.

Nos anos 90 a “paixão pelo oculto” ganha novas formas. Agora está em jogo a formação de um arquivo, cujo material não pertence necessariamente ao mundo do oculto. Pelo contrário, o que as pessoas fazem quando vão para a rua, com quem elas se encontram, quanto dinheiro elas sacam no caixa eletrônico ou caso se pareçam com uma pessoa procurada; por tudo isso, até pouco tempo atrás, quase ninguém se interessava. Agora, de repente, todas essas questões cotidianas são centrais na questão da segurança pública. A própria cidade será o lugar da exposição. Quase tudo o que pode acontecer no cotidiano urbano é *a priori* cobiçado por um voyeurismo às avessas, direcionado para fora. Paralelamente a essa inversão das atenções no espaço urbano segue adiante a disciplinarização dos cidadãos. Uma transformação radical do nosso dia a dia está acontecendo, um acontecimento social de tal proporção, que atinge a todos diretamente, não importando cor da pele, idade, sexo, aparência, posição social. E atinge todos de imediato, transformando o *status* de todos. No espaço urbano até então anônimo cresce uma presença difusa, porém próxima de olhares institucionalizados, que cria novas formas de intimidade prescrita e invasiva em instâncias invisíveis.

tig welcher Hautfarbe, welchen Alters, welchen Geschlechts, Aussehens, welcher Position. Und es trifft alle unmittelbar, es verändert den Status von allen. Im bislang anonymen städtischen Raum macht sich eine diffuse und doch distanzlose Anwesenheit institutionalisierter Augen breit, die neue Formen von verordneter, aufgedrängter Intimität zu unsichtbaren Instanzen schafft. Ein Gefühl des Ausgeliefertseins entsteht. Ein neues Zau berwort steht für die Zukunft der Städte: Raum der Sicherheit. Gibt man dafür alles her?

Nicht nur immer mehr Quadratmeter öffentlichen Raums, immer mehr Schritte der Menschen überhaupt werden überwacht. Für verdeckte Kameras zum Beispiel gibt es keine Grenzen. Kindermädchen, Wohnungen, Schulhöfe, Bankautomaten, Zugänge zu großen Wohnblocks, Quartieren, sogar ganze Innenstädte lassen sich durch Videozäune kontrollieren. Immer ausgeklügeltere Instrumente werden in immer kleineren Objekten versteckt. In Brillengestellen, Krawatten, Wanduhrenziffern, um am Verhandlungstisch, in der Hotelhalle oder an jedem anderen Ort das Vis-à-vis in Schach halten zu können. Die elektronische Revolution stattet nicht nur Zwischenräume neu aus, sie interpretiert sie auch neu. Der Raum zwischen den Menschen verändert sich so radikal wie nie zuvor. Zwischenräume – große wie kleine, offene wie geschlossene, öffentliche wie private – sind die neuen begehrten Objekte eines Marktes, der riesige Zuwachsrate verzeichnet. Selbst im kleinsten Raum zwischen zwei Menschen werden weitere Augen und Ohren installiert. Zeitlose Augen und Ohren, die alles, das sie je gesehen und gehört haben, jederzeit wieder zum Vorschein bringen können. Zeiten und Orte des Unter vier-Augen-Redens sind nirgends mehr garantiert, Geheimdienstpraktiken erobern den gewöhnlichen Alltag.

Surge a sensação de estar exposto. Uma palavra mágica nova surge para o futuro das cidades: espaço de segurança. Dá-se tudo em troca disso?

Não só o metro quadrado do espaço público será cada vez mais vigiado, mas também os próprios passos das pessoas. Para câmeras escondidas não existem fronteiras, por exemplo. Babás, apartamentos, pátios escolares, caixas eletrônicos, entradas de grandes conjuntos residenciais, quadras, até mesmo centros urbanos inteiros se deixam controlar através de vídeos. Cada vez mais instrumentos de inteligência são escondidos em objetos cada vez menores. Na armação de óculos, em gravatas, nos algarismos de relógios de parede, na mesa de negócios, no saguão do hotel ou em qualquer outro lugar, a fim de conseguir pôr o outro em xeque. A revolução eletrônica não apenas equipa os espaços "entre" de forma nova, como também os interpreta de uma nova maneira. O espaço entre as pessoas transforma-se radicalmente, como nunca antes. Espaços "entre" – grandes e pequenos, abertos e fechados, públicos e privados – são os novos objetos de desejo de um mercado que revela enormes taxas de crescimento. Mesmo no espaço mínimo entre duas pessoas são instalados outros olhos e ouvidos. Olhos e ouvidos atemporais que a todo instante podem trazer à tona tudo o que uma vez já ouviram e observaram. Tempos e lugares da conversa olho no olho não estão mais garantidos em lugar nenhum. Práticas de espionagem conquistam a banalidade cotidiana.

As novas "instalações" modificam os espaços entre casas, pessoas, entre pessoas e aparelhos, entre aparelhos e aparelhos. O alcance ainda incomum da escuta e a observação através de aparelhos formam o novo espaço e modificam seu caráter. A medida do espaço e do corpo físico é suplantada pela medida de aparelhos, nos quais

Die neuen ‚Installationen‘ verändern die Räume zwischen Häusern, Menschen, zwischen Menschen und Apparaten, Apparaten und Apparaten. Noch ungewohnte Reichweiten apparativen Hörens und Sehens gliedern den Raum neu und verändern dessen Charakter. Physischen Raum- und Körpermaßen werden *Apparate-Maße* überlagert, auf die im althergebrachten Sinn deswegen kein Verlaß mehr ist, weil sie beweglich oder transportabel sind und einen unerwartet in jedem Augenblick erreichen können, je nachdem, wie sich beispielsweise ein Krawatten- oder Brillenträger im Raum bewegt. Vor den flexiblen Straßenraumkameras gibt es überhaupt kein Entkommen mehr. Stolz lassen uns die Überwacher wissen, daß sie problemlos durch die ganze Stadt verfolgen können, wen sie erst einmal im Bild haben.²

Aber Überwachung ist ja nur ein Teil eines seit den neunziger Jahren fast schon hysterisch zu nennenden Sicherheitsdiskurses, für den, ebenso prototypisch, der Name des ehemaligen New Yorker Polizeipräsidenten Bill Bratton³ steht. Eines Dikurses, der an eine Stelle in Paul Virilius *Der negative Horizont* erinnert, wo der Autor die Beschwörung „x-beliebige[r] Varianten angeblicher Risiken und Gefahren“ als Mittel identifiziert, „das Prinzip des inneren Notstandes, dieses Polizeiprinzip schlechthin, zu reaktivieren [...]“⁴.

Mit beispielloser Radikalität ist Bill Bratton mit seinen Vertreibungs- und Aufräumkonzepten gegen alle vorgegangen, die das Bild der ‚sauberen Stadt‘ in seinen menschenfeindlichen Vorstellungen störten. Er hat ihnen das Aufenthaltsrecht im öffentlichen Raum bestritten und für die Durchsetzung dieses Ziels gar neue innerstädtische Zonen, die Central Business Districts, erfunden. Was nichts anderes bedeutet, als öffentliche Räume – vor allem Einkaufszonen in den Innenstädten – partiell an privates Kapital zu verpachten, unter



Construções informais de investidores privados
Informelle Investorenarchitektur
Favela da Rocinha, Rio de Janeiro, 2012
Foto Elisabeth Blum

privates Hausrecht zu stellen und Unerwünschte durch private Wachdienste fernzuhalten – was inzwischen auch in unseren Städten Usus ist. Parallel zu diesen Säuberungsmaßnahmen haben sich in Amerika die Gefängnisse gefüllt.⁵ Bratton hat nicht nur der „Broken-Window-Theorie“ und der damit verbundenen Idee der „Zero Tolerance“ zu zweifelhaftem Ruhm verholfen, es ist ihm gelungen, sie zum exportfähigen „Markenprodukt“ zu stilisieren und sie den Sicherheitsmanagern der „Weltstadt-Polizei“ als effizientes Instrument schmackhaft zu machen.

Mit größter Selbstsicherheit hatte Bratton verkündet: „Die Polizei kann das Verhalten von Menschen ändern. Denn alles Verhalten ist erlernbar – und wir bestimmen die Lebensbedingungen.“ Der Autor eines *Spiegel*-Berichts aus dem Jahre 1997⁶ hatte darauf hingewiesen, dass die Idee, „den Frieden in den Städten zur polizeilichen Angelegenheit zu machen“, ungeheuerliche Folgen habe: „Sicherheit wird zum Produkt von Polizeigewalt“. Nicht mehr das Gesetz definiere unter solchen Umständen die Grenzen zwischen Erlaubtem und Unerlaubtem, hieß es in einem Kommentar der *Neuen Zürcher Zeitung*⁷, vielmehr entschieden einzelne Polizisten oder gar private Ordnungskräfte darüber, was im öffentlichen oder halböffentlichen Raum toleriert werde. Womit das *Dilemma* beschrieben ist: Die Grenze zwischen Gesetz und Willkür ist massiv beschädigt.

Wie weit europäische Städte den Maßnahmen Bratttons oder der Idee nächtlicher Ausgangssperren für Jugendliche unter 18 Jahren, um der „Sicherheit in den Wohnquartieren“ willen, wie es sie inzwischen in mehr als 1000 amerikanischen Städten gibt, oder dem englischen Vorbild flächendeckender Überwachung ganzer Städte folgen werden, wird sich zeigen. Schon jetzt können an beliebig vielen neu hergerichteten öffentlichen

não se pode mais confiar porque são móveis ou transportáveis, podendo alcançar alguém sem aviso prévio a qualquer momento; como, por exemplo, quando uma gravata ou uma armação de óculos se movimenta no espaço. Das flexíveis câmeras nas ruas não há mais escapatória. Orgulhosos, vigilantes nos informam que podem perseguir alguém sem problemas por toda a cidade, basta captá-lo uma vez no monitor.⁴

A vigilância, contudo, é apenas uma parte de um discurso de segurança quase histérico que existe desde os anos 90, ao qual se atribui o nome, igualmente prototípico, do antigo diretor da polícia de Nova York, Bill Bratton.⁵ Discurso que lembra um trecho de Paul Virilio em *O horizonte negativo*, em que o autor identifica a conspiração de “tantas variantes de possíveis riscos e perigos” como meio “para reativar o princípio da situação de risco interior, este da polícia por excelência[...]”.⁶

Com radicalidade sem precedentes e com seus conceitos de ordem e banimento, Bill Bratton partiu contra todos aqueles que incomodavam sua ideia desumana de ‘cidade limpa’. Ele destituuiu essas pessoas do direito de permanência no espaço público e, para a imposição desse objetivo, criou até mesmo novas zonas no Centro. Os Central Business Districts nada mais são do que espaços públicos – sobretudo áreas centrais de comércio – em parceria com o capital privado, sob direito privado e que, assim, com a ajuda deseguranças particulares conseguem manter afastados indivíduos indesejáveis, o que hoje em dia também é comum em nossas cidades. Paralelamente a essas medidas de limpeza, os presídios dos Estados Unidos foram inchando.⁷ Bratton não só ajudou a construir uma fama duvidosa com relação à teoria “Broken-Window” e à ideia, a ela vinculada, da “Tolerância Zero”, como

Orten kontinentaleuropäisch abgemilderte Formen entdeckt werden. Von ohrenbetäubenden Überwachungsszenarien über Straßen und Wohnquartiere – insbesondere zu den Hauptsendezügen der TV-Sender –, hörte man bisher erst über Los Angeles. Dort ist der ‚Helikopter-Journalismus‘ zum harten Ellbogengeschäft avanciert, um die Nachrichtensender mit Instant News einzudecken. Nicht selten könne man dort zehn solcher Flugmaschinen nach eingespielter Hackordnung um dieselbe Straßenszene buhlen sehen, bemüht darum, dass Verfolgungsjagden, Todesfälle oder die Plünderei eines Geschäfts live übertragen werden können.⁸

Die Disziplinierung der Städter schreitet voran

Dies alles sind Elemente eines neuen Sicherheitsdiskurses, der seine Interventionen nicht nur in immer verfeinerte Netze einspannt, sondern auch außerordentlich erfängerisch ist, was das Entdecken möglicher ‚Medien‘ angeht, die er für sich einspannen kann. Er schafft es gar, der Überwachungs- und Gefängnisindustrie einen Wachstumsschub zu versetzen, in diesen Sektoren neue Arbeitsplätze zu schaffen, neue TV-Zweige – Reality-TV oder inszenierte Reality-TV-Serien wie in Holland – zu kreieren. Der ununterbrochen aufrecht erhaltene Diskurs über Sicherheit und Kontrolle und die zunehmende Ausstattung der Städte mit engmaschigen Überwachungs- und Sicherheitsvorkehrungen bewirken eine allmähliche Veränderung in der Mentalität der Städter. Die Antwort eines an einer deutschen Polizei-Fachhochschule lehrenden Professors auf die Frage des *Spiegel*, ob die „neue Polizeiphilosophie“ nicht eher dem Polizeistaat ähnele, lässt keinen Zweifel daran offen, dass die Verschiebung weg von der Freiheit hin

também conseguiu estilizá-la como “produto” exportável e torná-la interessante para os serviços de segurança da “polícia de cidades globais” como instrumento de eficácia.

Bratton anunciou com grande prepotência: “A polícia pode mudar o comportamento das pessoas. Todo comportamento pode ser aprendido – e nós ditamos a maneira de viver.” O autor de um artigo publicado no jornal alemão *Spiegel* em 1997⁸ alertou para o fato de que a ideia de “paz nas cidades ser uma questão de polícia” traz consequências assustadoras: “segurança será o produto de violência policial”. A lei não define mais as fronteiras entre o permitido e o proibido numa situação como essa, segundo o jornal *Neuen Zürcher Zeitung*.⁹ Pelo contrário, individualmente ou até mesmo em forças de segurança privada, policiais decidem o que é tolerável no espaço público ou parcialmente público. Com isso, o dilema foi descrito: a fronteira entre lei e arbitrariedade está enormemente deteriorada.

Vamos ver até que ponto cidades europeias seguirão as medidas de Bratton ou a ideia de barreiras noturnas para jovens menores de 18 anos, a fim de garantir a “segurança nos bairros”, como ocorre atualmente em mais de mil cidades dos Estados Unidos, ou ainda o exemplo britânico de amplo monitoramento de cidades inteiras. Agora mesmo já se pode ver em muitos novos locais públicos da Europa continental formas como essas amenizadas. Sobre cenários de monitoramento ensurdecedor em ruas e bairros – em especial nos horários de pico das emissoras de TV – ouviu-se até o momento sobre Los Angeles, onde o “jornalismo-helicóptero” avança com força cobrindo os noticiários com informações instantâneas. Frequentemente é possível observar a ronda de dez dessas aeronaves no mesmo local, sem medir esforços para transmitir ao vivo perseguições, mortes ou saques a lojas.¹⁰

zur Sicherheit nur möglich ist, wenn dieser ersten, äußerlichen Verschiebung auch eine zweite innere einhergeht. Die offensichtlich ebenso ‚wahre‘ wie verblüffende Antwort des Polizei-Professors: „Was von den Bürgern mitgetragen wird, kann ja kein Polizeistaat sein.“⁹ Zeitgemäß gesprochen: Mentalitätsdesign ist einer der zentralen Programmfpunkte heutiger Städtebaupolitik.

So beginnt, was man Überwachungsstaat und städtebauliche Apartheid genannt hat. Der französische Sozialwissenschaftler Alain Touraine hat 1995 Ausgrenzung als das fundamentale Problem der Gegenwart bezeichnet. Die „Gesellschaften der Ausbeutung“ seien zu „Gesellschaften der Ausgrenzung“¹⁰ geworden. Es gibt viele Anzeichen dafür. Nicht nur Kleinigkeiten wie das Ersetzen der ehemals eleganten Stadtbänke durch vandalensichere Einzelkunststoffsitze oder immer teurere öffentliche Toiletten, in denen Wassertrinken, Zähneputzen oder etwas auswaschen nur noch hinter Sperrkreuzen möglich ist wie in der neu hergerichteten Zürcher Bahnhofshalle. Auch überwachte Straßen, Abfall-Container-Anlagen oder Shoppingmalls, in denen ältere Menschen nicht deswegen mit Einkaufstaschen herumgehen, weil sie etwas einkaufen wollen, sondern weil sie Angst haben, als ‚Herumlungernde‘ taxiert zu werden. Oder Bürgerinnen und Bürger in Hilfspolizistenfunktion in der sogenannten gemeinwesenbezogenen Polizeiarbeit, hinter der die Idee befriedeter, privatpolizeilich gesicherter Binnenwelten steckt, die die Bewohner dazu aufruft gegenüber allem, was fremd riecht, wachsam zu sein. So war der Fall des 11-jährigen Raoul Wüthrich Ergebnis eines in einem amerikanischen Wohnquartier laufenden „Neighbourhood Watch Program“, das, wie die ZEIT-Kommentatorin Margrit Sprecher zynisch bemerkte, „den Blick für ungewöhnliches Verhalten“¹¹ schärft. Überall

A disciplinarização dos cidadãos continua

Tudo isso são elementos de um novo discurso de segurança que nem sempre prolonga suas intervenções numa rede cada vez mais refinada, mas que também é extremamente inventivo quando se trata de descobrir possíveis ‘meios’ que pode formar para si. Consegue até mesmo alavancar o crescimento da indústria de vigilância e presídios, criar postos de trabalho nesses setores, além de novos tipos de televisão – *Reality-Show* ou séries de *Reality-TV* encenados, como na Holanda. A incansável sustentação estabelecida pelo discurso sobre segurança e controle e o crescente preparo das cidades com medidas de vigilância, monitoramento e segurança exercem aos poucos uma transformação na mentalidade dos cidadãos urbanos. A resposta de um professor de uma escola de polícia alemã ao jornal *Spiegel* sobre se a “nova filosofia da polícia” não se aproximaria muito do Estado policial, não deixa sombra de dúvidas de que o movimento de *sair da liberdade em direção à segurança* só é possível se a primeira, a liberdade, compreender um segundo movimento de deslocamento interno. Igualmente “verdadeira”, como também assustadora, é a resposta do professor: “o que parte do povo não pode ser um Estado policial”.¹¹ Em palavras atuais: a formação da mentalidade é hoje um dos principais pontos do programa da política de zoneamento urbano.

Desse modo começa o que se chama de Estado de vigilância e Apartheid através do planejamento urbano. Em 1995 o cientista social francês Alain Touraine descreveu segregação como sendo o principal problema da contemporaneidade. As sociedades exploradoras tornaram-se sociedades da segregação,¹² e existem muitos sinais que comprovam esse fato. Não apenas detalhes, como a substituição dos antigos bancos de praças por bancos de plástico, mais resistentes ao

schon sind die Stadtbewohner Fragmenten eines Experimentes konfrontiert, dem auf eine ganz besondere Weise die Idee der Gausschen Normalverteilungskurve zugrunde liegt. So wird der erstaunliche Titel, den der kanadische Philosoph Ian Hacking vor wenigen Jahren seiner Zürcher

Vortragsreihe gab, verständlich: *Making up People* – oder Wie man durch Zurichtung der Bedingungen eines Experiments vorgefasste Auffassungen oder Formen von ‚normalem‘ oder ‚abweichendem‘ menschlichen Verhalten bestätigt bekommt.

Die Gaussche Kurve hat die Form einer Glocke, englisch: ‚bell-curve‘, akustisch ganz nah beim französischen Ausdruck für ‚schöne Kurve‘. Wann immer die Resultate einer experimentellen Untersuchung die ‚schöne‘ ‚bell-curve‘ ergeben, weiß man, dass die Welt in Ordnung ist, dass die Dinge oder Umstände so sind, wie sie sein sollen oder wie man sie gerne hätte, eben einer bestimmten Vorstellung von Norm entsprechend. Wenn nicht, so Hacking, könne es schon vorkommen, dass einige Millionen an zusätzlichen Forschungsgeldern in ein Experiment X gesteckt würden, bis die Versuchsanlagen so weit modelliert seien, dass sie im Effekt die Glockenlinie hervorbringen. Was die Städte angeht, so finden wir uns heute in einer verwandten experimentellen Situation. Wir sind Zeitzeugen eines Umbauversuchs, für den der obengenannte Titel *Making up People* in *Making up Downtown and Downtown-People* geändert werden müsste.

Das Ziel der Zurichtung der Bedingungen im Experiment heißt nicht urbane Stadt, sondern ‚saubere‘ Stadt. Womit nicht Abfallbeseitigung gemeint ist, sondern eine Art von Aufräumen, die sich gegen Menschen richtet, die in das verengte Bild der sauberen Stadt nicht passen. Die Antwort, die der amerikanische Autor Mike

vandalismo, ou banheiros públicos cada vez mais caros, nos quais beber água, escovar os dentes ou lavar alguma coisa só está acessível atrás de catracas, como no novo saguão ferroviário construído em Zurique. Também ruas, locais de deposição de lixo ou *shopping centers* monitorados, em que idosos perambulam com suas sacolas de compras não porque estejam fazendo compras, mas por temer ser taxados de desocupados ou marginais. Ou cidadãs e cidadãos que ajudam o policiamento no chamado trabalho de policiamento direcionado à comunidade, que se esconde na ideia pacífica de uma polícia particular para segurança interna, a qual convoca os cidadãos a estar atentos a tudo e a todos que forem diferentes. Esse foi o caso de Raoul Wüthrich, de 11 anos, num programa do tipo *Neighbourhood Watch* passado num bairro dos EUA, que, como observou cinicamente Margrit Sprecher, comentarista do *Zeit*, “o olhar sobre comportamento incomum”¹³ se amplia. Em toda parte os moradores das cidades estão sendo confrontados com fragmentos de um experimento para o qual a ‚curva de distribuição normal‘ de Gauss serve de base de uma maneira bastante especial. Se faz compreensível o espantoso título dado alguns anos atrás pelo filósofo canadense Ian Hacking a sua série de palestras em Zurique: *Making up People* – ou como se confirmam ideias ou formas de comportamento humano ‚normal‘ ou ‚errônneo‘ através do direcionamento unilateral dos critérios num experimento.

A curva gaussiana tem a forma de um sino; em inglês usa-se a expressão *bell-curve*, muito próxima acusticamente da expressão francesa para curva bonita. Quando uma *bell-curve* aparece nos resultados de uma pesquisa experimental sabe-se que o mundo está em ordem, que as coisas ou situações encontram-se da forma que são ou da

Davis vor Jahren in seinem Buch *City of Quartz* auf die aus diesem restriktiven Bild abgeleitete zentrale Frage, wie denn „soziale Homogenität“ und „sicheres Downtown-Image“ erreicht werden könnten, für amerikanische Verhältnisse zitiert hat, gilt mit einiger Verspätung inzwischen auch für unsere Städte: „Man kann eine Innenstadt so planen und bauen, dass Besucher sie [...] für attraktiv und die Art von Orten halten, an denen sich ‚anständige Leute‘ wie sie selbst gern aufhalten. [...] Das Angebot von Aktivitäten in diesem Kernbereich entscheidet darüber, welche ‚Sorte‘ von Menschen hier auf den Bürgersteigen schlendert; wenn Büros und Wohnungen für Gut-oder Spaltenverdiener [...] angesiedelt werden, wird es einen hohen Anteil ‚anständiger‘, gesetzestreuer Fußgänger geben.“¹² Damit sind die zwei hauptsächlichsten, dem Umbauexperiment vorausgehenden Zielfiguren oder Bilder benannt: die gewünschte Art von Innenstädten und die zu ihr passende Sorte von Menschen. Aller Rest gehört auf die Seite des Abweichenden. Die ‚bell-curve‘ im Städtebau also: die gesäuberte Stadt für ‚anständige‘ Leute. Ein Experiment, in dessen Gelingen ebenfalls riesige Mengen von Geld fließt. Gefährliche Bilder, die sich gegen Menschen richten, die nicht ins Bild der „sozialen Homogenität“ passen und vor denen „anständige Fußgänger“ offensichtlich beschützt werden müssen. Daseinsberechtigung besitzt nur noch, wer als Puzzlestein zur neuen identitätsstiftenden Funktion der sauberen Stadt und ihrer Quartiere taugt. Der Rest der Stadt wird zum unwirtlichen Draußen.

Die von Michel Foucault in *Überwachen und Strafen* analysierte *Mikrophysik der Macht*, die, wie er beschreibt, von unzähligen, in der Gesellschaft verstreuten Punkten aus normierende Sanktionen erlässt, erfährt durch die Vorstellung darüber, wie Sicherheit und Sauberkeit in den Städten herzu-

forma deseável, ou seja, correspondem a uma certa ideia normativa. Caso contrário, segundo Hacking, poderia acontecer que milhões em verba para pesquisa fossem injetados num determinado experimento X até que os resultados se modificassem e alcançassem o efeito da linha em forma de sino. No que diz respeito às cidades, nos encontramos hoje numa situação parecida de experimentação. Somos testemunhas de um tempo de tentativas de transformação, cujo título antes mencionado deveria ser mudado de *Making up People* para *Making up Downtown and Downtown-People*.

O objetivo do direcionamento das condições do experimento não é a urbanidade, mas a cidade ‘limpa’. Isso não se refere à eliminação do lixo urbano, mas a um tipo de organização direcionada contra pessoas que não se enquadram na imagem da cidade limpa. Em seu livro *City of Quartz*, o autor estadunidense Mike Davis apresenta uma resposta à questão central, desencadeada por essa imagem restritiva, de como alcançar “homogeneidade social” e uma “Downtown-Image” segura. A resposta, pensada para o contexto norte-americano, é válida hoje, ainda que com atraso, também para nossas cidades [alemãs]: “Pode-se construir e planejar um centro urbano que os visitantes achem atrativo (...), o tipo de lugar que pessoas decentes, como eles mesmos, frequentem. (...) A oferta de atividades nesse núcleo determina que tipo de gente transitará pelas calçadas; caso sejam construídos escritórios e apartamentos para pessoas que ganhem bem ou para a elite financeira, o espaço será ocupado por uma grande parcela de ‘pessoas de boa conduta’, pedestres que seguem a lei”.¹⁴ Com isso se evidenciam as duas principais desencadeadoras do experimento de mudança, objetivos ou modelos a alcançar: a forma deseada de centros urbanos e os tipos humanos adequados. Todo o resto per-

stellen seien, ein neues Gewicht. „So also hat man sich die *Straf-Gesellschaft* vorzustellen“, schreibt Foucault an einer Stelle, „an den Wegkreuzungen, in den Gärten, an den Straßen, die erneuert werden, an den Brücken, die gebaut werden [...] tausend kleine Züchtigungstheater. Jedem Verbrechen sein Gesetz, jedem Verbrecher seine Strafe. Eine sichtbare, eine geschwätzige Strafe, die alles sagt, die erklärt, sich rechtfertigt, überzeugt [...]. Jede Züchtigung ist eine Lehrfabel.“¹³ Als ob Foucault vom aktuellen ‚Sicherheitsideal‘ redete, nur mit dem Unterschied, dass solchen Verwaltungsmaßnahmen im städtischen Raum kein Schrecken innezuwohnen scheint. Im Gegenteil, statt des kalten Schauers, glaubt man den Wächtern über die innere Sicherheit, stellen sich Gefühle der Sicherheit ein. Das berühmt-berüchtigte *Panoptikum*, Jeremy Bentham’s Erfindung eines idealtypischen Gefängnisbaus aus dem 18. Jahrhundert – eine Art Menschenobservatorium –, das von seinem Zentrum aus die totale Überwachung der Zellen gestattete verkehrt sich in der heutigen Sicherheitspolitik der Städte allmählich in sein Gegenmodell: Das eine zentrale überwachende Auge splittert sich auf in einen „allgegenwärtigen Panoptismus“¹⁴. In den neuen Sicherheitskonzepten sind Bürgerinnen und Bürger *in ihrem eigenen Interesse* dazu aufgerufen, zu unzähligen überwachenden Augen für andere zu werden. Ein dichtes Netz wird geknüpft: das „der einander kontrollierenden Blicke“¹⁵. Der Typ des Denunzianten, gefürchtete Figur in totalitären Gesellschaften, hat sich in die demokratische Gesellschaft geschmuggelt und wird sozial aufgewertet. Dazu die immer dichter und unsichtbarer in Gebäuden und öffentlichen Räumen installierten Kameraaugen und die großmaßstäbliche Überwachung mittels Satelliten. Die Maschen des Netzes werden enger. Die Überwachungsmacht entfaltet sich kapillar.

tence ao grupo que foge à norma. A bell-curve no planejamento urbano significa uma cidade limpa para pessoas ‘decentes’. Trata-se de experimento que necessita de imensa quantidade de dinheiro para seu funcionamento. São imagens perigosas, que se direcionam contra as pessoas que não se adequam à imagem de “homogeneidade social” e das quais o pedestre ‘decente’ precisa ser claramente protegido. Só aqueles que funcionam como uma peça dentro do quebra-cabeça dessa cidade limpa e seus quarteirões têm autorização de permanência, ou o direito de estar, *ser aí* (*Daseinberechtigung*). O resto da população fica no inóspito lado de fora da cidade.

A análise “microfísica do poder” em *Vigiar e Punir*, de Michel Foucault, que deixa, como ele descreve, inúmeros pontos de sanções normativas dispersos na sociedade, ganha novo peso através da noção do modo como a segurança e limpeza nas cidades são produzidas: “Assim pode-se imaginar a sociedade do castigo”, escreve Foucault num trecho, “nos cruzamentos, nos jardins, nas ruas que serão reformados, nas pontes que serão construídas (...) milhares de pequenos teatros do castigo. Para toda infração uma lei, para todo criminoso uma penalização. Uma pena indiscreta e visível que diz tudo, que explica e se justifica, convence (...). Todo castigo é uma apologia”.¹⁵ Como se Foucault falasse do atual ‘ideal de segurança’, com a diferença de que medidas de controle como essas no espaço urbano não parecem amedrontar. Pelo contrário, em vez do observador frio, acredita-se nos vigilantes, na segurança interna, instala-se um sentimento de segurança. O famoso e famigerado panóptico, invenção de Jeremy Bentham para um tipo ideal de presídio do século 18 – uma espécie de observatório humano –, concebido para se ter o controle total das celas a partir do seu centro, esbarra aos poucos na política atual de

Der schwierige Dreh- und Angelpunkt: All das vollzieht sich unter dem Deckmantel anscheinend moralischer Begriffe, die für Wünschenswertes wie Sich-wohl-und-sicher-Fühlen stehen und sich gegen Unerwünschtes wie Unsicherheit, Gefährlichkeit usw. richten. Gut zu verstehen. Nur wo bleibt die Sicherheit der Zigtausenden Sans-Papiers, Verarmten und Obdachlosen in den europäischen Städten, um die es bei dieser Frage gar nicht mehr geht? Beinahe in Vergessenheit gerät, dass dieses „Aufräumen“ sich gegen Menschen richtet, die ohne die heute geltend gemachten Werte, ohne die Gesellschaft, *wie sie heute funktioniert*, sich gar nicht in einer Lage befänden, in der sie als innere Feinde bekämpft werden. Was Städte einmal charakterisierte, dass man dort Fremder unter Fremden war oder sein konnte, brauchte Anonymität, Größe, Unübersichtlichkeit – Begriffe, die einst mit Freiheit assoziiert wurden, und heute fast schon zu Begriffen für das Böse geworden sind. Die *urbane Stadt*, die Walter Siebel so schön als die Stadt beschrieben hat, die „noch für die ausgefallensten Verhaltensweisen einen Ort, sie auszuleben, und noch für das seltsamste Bedürfnis die gewünschte Befriedigung“¹⁶ bietet, ist akut gefährdet. Wir sind heute beinahe bei ihrem *Gegenbild* angekommen.

Die Stadt als Soziale Plastik

Spätestens seit Joseph Beuys haben Ereignisse wie die geschilderten und Fragen, die sich an sie knüpfen lassen, direkt und unwiderruflich im Beuyschen Sinne mit Kunst und gestalterischem Tätigsein zu tun. Die skizzierten Vorstellungen und Praktiken zur sogenannten Rettung der Städte führen uns direkt zum Begriff der *Sozialen Plastik*¹⁷ und damit in das Herz eines Kunstbegriffs, der uns keine Wahl mehr lässt, solche alltäglichen und zugleich außergewöhnlichen Angelegenheiten als „Sache der

segurança das cidades com seu modelo oposto: o olhar central que vigia fragmenta-se num “*Panoptismus onipresente*”.¹⁶ Nos novos conceitos de segurança os cidadãos são chamados, para o seu próprio bem e interesse, a ser olhos vigilantes para outros. Uma rede extensa será formada: “o olhar que controla o outro e ao mesmo tempo ele mesmo”.¹⁷ O tipo delator, figura temida em sociedades totalitárias, camuflou-se em sociedade democrática e é valorizado socialmente. Além disso há o olho das câmeras cada vez mais frequentes e invisíveis instaladas em prédios e espaços públicos e a vigilância de grandes proporções através de satélites. A malha da rede aperta-se. O poder de vigilância desenvolve-se de forma capilar.

O difícil ponto crucial: tudo isso acontece com o pretexto de certos conceitos moralistas classificados como desejáveis, como, por exemplo, ‘sentir-se bem e seguro’, e direcionados contra os indesejáveis, por exemplo, insegurança, perigo etc. É bom entender isso. Então, nas cidades europeias, onde fica a segurança dos milhares de empobrecidos, sem documentos, sem teto, às quais essa questão não mais se dirige? Quase cai no esquecimento o fato de que esse “colocar ordem” direciona-se contra pessoas que, sem os valores hoje vigentes, sem a sociedade, tal como ela funciona atualmente, não se encontrariam nessa situação na qual são combatidas como se fossem inimigos internos. O que outrora caracterizou cidades em que se era ou se podia ser estranho entre estranhos demandava anonimato, dimensão, falta de visibilidade – conceitos antes associados à liberdade tornaram-se hoje praticamente conceitos para o mal. A cidade urbana que Walter Siebel descreveu de forma tão bonita como a cidade que oferece “para os comportamentos mais excêntricos um lugar para vivê-los e ainda para os anseios mais raros a satisfação

Gestaltung am sozialen Organismus“ zu begreifen. Überwachen, Ausgrenzen, Entwürdigen, Drohen, sprachlich Verführen, Verlassen des rechtsstaatlichen Territoriums, Wahrnehmen oder Nichtwahrnehmen, Kritik und fehlende Kritik am Geschehen, all dies beeinflusst

diese *plastische Arbeit* massiv. Beuys‘ erweitertem Kunstbegriff verdanken wir den Versuch, die Trennung von ästhetischem und politischem Denken in der plastischen Arbeit am Gesellschaftskörper aufzuheben – den vielleicht wichtigsten und zugleich am heftigsten überhörten Beitrag der Kunst zum gesellschaftlichen Engagement in der zweiten Hälfte des zwanzigsten Jahrhunderts.

Die Städte sind heute die Hauptschauplätze drastischer gesellschaftlicher Veränderungen und somit gar heiß umkämpfte *Soziale Plastiken*. Und sie sind, folgt man den Überlegungen der amerikanischen Forscherin Saskia Sassen, nicht einfach austauschbar, wie uns die global operierenden Unternehmen weismachen wollen. Ganz im Gegenteil: Sie sind die Orte, wo Topmanagement und Kontrollfunktionen sich immer mehr konzentrieren, wo die Zunahme von bestbezahlten auf der einen und niedrigstbezahlten Arbeiten oder Arbeitslosigkeit auf der anderen Seite die sozialen Ungleichheiten wachsen lassen, wo Konsumartikel und Konsumeinrichtungen immer mehr auf diese beiden wachsenden Gruppen zugeschnitten angeboten werden. Sie sind die Orte, schreibt Sassen, in denen sich die „Entwertung der Menschen abspielt“ – „strategische Terrains für Konflikte“¹⁸. Sie sind, mit Beuys gesprochen, das plastische Material, von dessen Bearbeitung alles abhängt. Im schlechtesten Fall werden sie zu Schauplätzen nackter Überlebenskämpfe von zunehmend mehr Menschen, die in Armut absinken. Im besten Fall zu solchen, an denen, im wörtlichen wie im übertragenen Sinne, Raum geschaffen wird für die

desejada“¹⁸ está em perigo. Hoje chegamos quase a seu modelo oposto.

A cidade como plástica associal

Desde Joseph Beuys, os acontecimentos como os aqui descritos e questões a eles vinculadas conectam-se de forma direta e inegável, em sentido beuysiano, à arte e à ação plástica ou formativa (*gestalterisch*). As ideias e práticas esboçadas para a chamada salvação das cidades nos conduzem diretamente ao conceito da plástica social¹⁹ e, com isso, ao centro de um conceito artístico que não nos deixa mais escolha senão entender essas questões cotidianas, e ao mesmo tempo extraordinárias, como “questão da formação (*Gestaltung*) no organismo social”. Vigiar, segregar, humilhar, ameaçar, seduzir com palavras, abandonar o território do Estado de direito, perceber ou não perceber, a crítica e a falta de crítica dos acontecimentos, tudo isso exerce enorme influência sobre esse *trabalho plástico*. Devemos à ideia de arte ampliada de Beuys a tentativa de revogar a separação entre pensamento estético e político no trabalho plástico no corpo da sociedade – talvez a mais importante e simultaneamente ignorada contribuição da arte para o engajamento social na segunda metade do século 20.

As cidades são hoje os principais palcos de drásticas transformações sociais e com isso até mesmo de *plásticas sociais* envolvidas em disputas acirradas. De acordo com a pesquisadora americana Saskia Sassen, elas não são facilmente passíveis de troca, como as empresas globais operantes querem que acreditemos. Muito pelo contrário: são os lugares onde se concentram os mais altos cargos de gerência e de controle, nos quais por um lado crescem os altos salários e, por outro, os postos de trabalho mal remunerados, ou o desemprego

notwendigen Auseinandersetzungen darüber, wie die Städte nicht nur Orte des Überlebens, sondern Orte eines guten Lebens für möglichst viele werden könnten.

Den Kunstbegriff aus seinen positiv-ästhetischen Fesseln herauszusprengen und ihm eine gesellschaftspolitische Dimension zu geben, hat Beuys zu der Frage geführt, wie denn jedermann ein Gestalter, ein Plastiker, ein Former am sozialen Organismus werden könne. Mit seiner Arbeit am Kunstbegriff wollte er den *Ort* der Verantwortung für die gesellschaftliche Realität in die Hände und Köpfe der Individuen zurückverlegen. Als ob die heutigen Überwachungs- und Sicherheitsfunktionäre diese Beuyssche Lektion begriffen hätten, liegt ein nicht zu unterschätzender Teil der Verführerkraft etwa des *community policing* gerade darin, dass die Bürgerinnen und Bürger zur Übernahme von Verantwortung aufgerufen werden. Nur geschieht *diese* Art der Arbeit an der ‚Sozialen Plastik Stadt‘ ganz einseitig im Dienste der Ausgrenzung. Dass der – wie man ja sehen kann – vorhandenen Bereitschaft zu Partizipation jedoch ausgerechnet auf *diese* Weise Rechnung getragen wird, ist das Katastrophale. Der Kampf wird ganz einseitig geführt. Es ist der erschreckende Mangel an alternativen Bildern oder Vorstellungen darüber, wie Stadt anders zu denken wäre. Ein Mangel, der dem eingeschlagenen, verhängnisvollen Weg Tür und Tor öffnet. Ein Weg, der räumlich zu zementieren versucht, was Alain Touraine das größte soziale Phänomen der westlichen Welt nennt, „nicht das Verschwinden der nationalen Grenzen, sondern das Entstehen innerer Grenzen.“ In allen westlichen Ländern herrsche die Vorstellung, sagt Touraine zugespitzt, „dass 80 Prozent sich retten können, wenn man dafür 20 Prozent der Bevölkerung ins Meer wirft“¹⁹. Die Loblieder auf die heilen Bilder der Stadt seien die

e as desigualdades sociais. Produtos e pontos de venda apresentam-se de forma cada vez mais customizada a esses dois grupos em crescimento. Cidades são os lugares, descreve Sassen, nos quais a “desvalorização do ser humano se passa” – “terrenos estratégicos para conflitos”.²⁰ São, nas palavras de Beuys, o material plástico de cujo processamento tudo depende. Na pior das hipóteses, serão palcos da luta pela sobrevivência de cada vez mais pessoas que se afundam na pobreza. Na melhor delas, em sentido literal e figurado, são lugares em que será criado espaço para as necessárias confrontações sobre como as cidades não só poderiam ser lugares de sobrevivência, mas também lugares para uma vida de qualidade para o maior número possível de indivíduos.

Arrancar o conceito de arte de suas amarras estéticas positivas, conferindo-lhe dimensão política e social, levou Beuys à indagação de como todo indivíduo pode vir a ser formador, um escultor, um delineador no organismo social. Com seu trabalho sobre o conceito de arte ele quis transferir o lugar da responsabilidade na realidade social novamente para as mãos e cabeças dos indivíduos. Como se os funcionários de segurança e vigilância de hoje tivessem entendido essa lição de Beuys, localizasse uma parte do poder de sedução que não se deveria menosprezar por exemplo nas *community policing*, que convidam os cidadãos a aceitar responsabilidades e participar. Esse tipo de trabalho só acontece na ‘cidade de plástica social’ de forma unilateral, a serviço da segregação. E o catastrófico nisso tudo – como se pode ver – é que justamente a disposição existente para a participação se concretize, entretanto, dessa forma. A luta é conduzida de modo completamente unilateral; numa precariedade assustadora de imagens e ideias alternativas sobre como a cidade poderia ser pensada de outra forma. Uma precariedade

Folgen solcher Vorstellungen. Die inneren Grenzen seien heute Barrieren der Polizei, die dazu dienten, Viertel der Ausgrenzung zu schaffen. Wir sind heute Zeugen davon, dass die Bedeutung des Begriffs des *Anderen* eine gewaltige Verschiebung erfährt, denn diese inneren Barrieren richten sich nicht mehr nur gegen die Fremden außerhalb der nationalen Grenzen, sie richten sich auch gegen die uns fremd Gewordenen *innerhalb* der Gesellschaft, gegen die aus dem gesellschaftlichen Spiel herausgefallenen ‚Einheimischen‘.

Kleinste Lichtblicke?

Welche *anderen Bilder* als Foucaults Bild der Kerkerstadt, als die aktuell gepriesene saubere Stadt, als die Realisierung irgendeiner Form städtebaulicher Apartheid könnten dafür taugen, die eingeschlagene Richtung weg von der Freiheit hin zur Sicherheit umzudrehen? Welche *anderen* als die idyllischen Bilder kleiner, überschaubarer, sicherer Welten, die sich weit entfernt haben von der einstigen Beschwörung des wilden und freien Großstadtlebens? Wie anders wären die Probleme in den Städten in einer Zeit zu lösen, in der, wie Richard Sennett bemerkt, die Sorge um den Arbeitsplatz überall eingedrungen ist, das Selbstwertgefühl auflöst, Familien zerrüttet, Gemeinschaften zerstört und die Atmosphäre am Arbeitsplatz verändert?²⁰ Und wo bleiben die Vorschläge von Architekten und Städteplanern?

Es gibt erschreckend wenige. Nicht nur ist der von Sennett für unsere Zeit gemeinte Satz „Das Scheitern ist das große moderne Tabu“ so richtig wie tragisch. Ausgerechnet Architekten und Städtebauer haben diesem Tabu stillschweigend ein zweites an die Seite gestellt, das die negativen Wirkungen des ersten noch potenziert. *Vorschläge machen* gegen das soziale Elend in den

que abre portas e portais para o fatídico caminho traçado. Um caminho que procura cimentar espacialmente o que Alain Touraine chama de o maior de todos os fenômenos sociais do hemisfério ocidental: “não o desaparecimento das fronteiras nacionais, mas o surgimento de fronteiras internas”. Em todos os países ocidentais predominaria a ideia, aponta Touraine, “de que 80% da população se poderia salvar se para isso for lançada ao mar 20% dela”.²¹ As odes às imagens sadias da cidade seriam consequência desse tipo de pensamento. As fronteiras internas são hoje barreiras da polícia que servem para criar bairros de segregação. Somos hoje testemunhas de como o significado do conceito do *Outro* sofre uma transformação violenta, já que essas barreiras internas não se direcionam mais aos estranhos, fora das fronteiras nacionais; elas também vão contra aqueles que se tornaram estranhos *dentro* da própria sociedade, contra os ‘locais’, perdedores no jogo social.

Um pequeno raio de luz?

Que outras imagens, fora a cidade do cárcere de Foucault, a atual e louvada cidade limpa e a realização de alguma forma de Apartheid urbanístico poderiam servir para mudar os rumos tomados longe da liberdade em direção à segurança? Que outras imagens idílicas de mundos pequenos e seguros, cuja totalidade o olhar abrange, que se distanciaram da evocação primordial de vida livre e selvagem na cidade grande? Como seria solucionar problemas de modo diferente em cidades nas quais, como percebe Richard Sennett, a preocupação com o posto de trabalho penetra toda parte, mina a autoestima, arruina famílias, corrompe sociedades e muda a atmosfera no local de trabalho?²² E onde ficam as sugestões de arquitetos e urbanistas?

Städten ist ebenfalls tabu. Die Abwehr scheint Spiegel der Angst zu sein, dass solche angeblich niederen Themen sie selbst in ein niedriges Licht stellen könnten.

Ich nenne zwei Architekten und Urbanisten, die mit dieser Art Eitelkeiten aufgeräumt haben. Zwei, die sich aus extrem unterschiedlicher Perspektive zu den so unglaublich unpopulären gesellschafts-politischen Problemen der Städte geäußert haben: Rem Koolhaas übt radikale Kritik an der eigenen Zunft, Paul Virilio, Philosoph und bis vor kurzem Direktor einer Pariser Architekturschule, hat mit der Konkretheit seines Vorschlags für unseren Berufsstand fast schon einen Tabubruch begangen.

„Unsere ‚Kultiviertheit‘“, sagt Rem Koolhaas, „übertrücht eindeutige Symptome einer Feigheit, die sich darauf bezieht, Farbe zu bekennen – die vielleicht wichtigste Sache, wenn man die Stadt ‚machen‘ will. Wir sind gleichzeitig dogmatisch und aalglatt [...] Unsere augenblickliche Einstellung zur ‚Krise‘ der Stadt ist einigermaßen schizophren [...] Durch unser heuchlerisches Verhältnis zur Macht – verächtlich aber dennoch gierig – haben wir einen ganzen Berufszweig zur Bedeutungslosigkeit verdammt, uns selbst von der Praxis abgeschnitten und ganzen Bevölkerungen die Möglichkeit kodierender Zivilisationen auf ihrem Territorium genommen – das Thema des Urbanismus.

Geblieben ist uns eine Welt ohne Urbanismus [...] nur noch Architektur, Architektur und nochmals Architektur [...] das Verführerische [...] ihre Akkuratheit [...] sie definiert, schließt aus, umreißt, trennt vom Rest [...] aber sie verzehrt auch; sie nutzt und erschöpft jene Möglichkeiten, die im Grunde bloß der Urbanismus hervorbringen kann, Möglichkeiten, die nur die besondere Phantasie des Urbanismus ersinnen und wiederbeleben

Há assustadoramente poucas. Não apenas correta, mas também trágica é a frase de Sennett com relação ao nosso tempo: “o fracasso é o grande tabu moderno”. Justamente arquitetos e urbanistas colocaram silenciosamente ao lado desse tabu um outro, que potencializa ainda mais os efeitos negativos do primeiro. Da mesma forma, é tabu *fazer propostas* contra a miséria social nas cidades. A defesa parece ser reflexo do medo de que temas supostamente inferiores desse tipo ofusquem sua própria luz.

Citarei dois arquitetos e urbanistas que lidaram com esse tipo de vaidade e se manifestaram de perspectivas extremamente diferentes sobre problemas sociais e políticos urbanos nada popularizados: Rem Koolhaas critica radicalmente a própria corporação; Paul Virilio, filósofo e até pouco tempo diretor de uma escola de arquitetura parisiense, cometeu já quase uma quebra de tabu com a concretude de sua proposta para nossa classe profissional.

Rem Koolhaas diz: “nossa cultivo disfarça sintomas claros de uma covardia que se relaciona com que se relaciona com assumir uma posição – talvez a coisa mais importante, quando se quer ‘fazer’ a cidade. Somos ao mesmo tempo dogmáticos e adaptáveis (...) Nossa posição momentânea para a ‘crise’ da cidade é de certa forma esquizofrênica (...) Através de nossa relação hipócrita com o poder – desprezível, porém voraz – condenamos um ramo profissional inteiro à insignificância, separando-nos da prática. Além disso, extraímos de populações inteiras a possibilidade de civilizações codificadas em seu território – tema do urbanismo. Restou-nos um mundo sem urbanismo (...) só arquitetura, arquitetura e mais arquitetura (...) a sedução (...) sua acuidade (...) ela define, exclui, modela, separa do resto (...) mas também consome; utiliza e esgota qualquer possibilidade que

kann [...] Der Tod des Urbanismus – unser Rückzug in die parasitäre Sicherheit der Architektur – erzeugt eine immanente Katastrophe: immer mehr Substanz wird in absterbende Wurzeln gepumpt. [...] Erst sabotierten wir den Urbanismus, und anschließend haben wir ihn lächerlich gemacht, mit dem Erfolg, dass inzwischen ganze Universitätsabteilungen dicht gemacht werden, Architekturbüros Konkurs anmelden und staatliche Behörden aufgelöst oder privatisiert werden [...].”²¹

Nicht dass die Planung nicht weiterhin existierte, schließlich flössen Ströme von Energie und Geld dorthin, nur sei sie oft irrelevant. Denn was passiert, wenn es zwar auf der einen Seite zu viele teure Wohnungen gibt, auf der anderen aber für all die Tausenden von Mittellosen die Wohnungfrage ignoriert wird? Unüberhörbar sarkastisch schreibt Koolhaas: „Die Wohnungsfrage ist kein Problem: Sie ist entweder gelöst oder ganz und gar dem Zufall überlassen worden: im ersten Fall ist das Wohnen legal, im zweiten ‚illegal‘; im ersten Fall Hochhäuser oder Scheiben [...] im zweiten [...] eine Kruste aus behelfsmäßigen Baracken. Die eine Lösung beansprucht den Himmel, die andere die Erde. Es ist seltsam, dass die mit dem wenigsten Geld die teuerste Ware bewohnen, den Boden, und diejenigen, die genug Geld haben, das, was umsonst ist – die Luft.“²²

Dass Koolhaas seine Kritik am Extremfall vorführt, dort, wo Prozesse der wilden Besiedlung viel weiter fortgeschritten sind, ändert nichts an der Tatsache, dass es in vielen europäischen Metropolen Ungezählte ohne festen Wohnsitz gibt. Hätte sich unser Berufszweig, so Koolhaas in konjunktivischer Form, mit den „dramatischen und gesellschaftlichen Entwicklungen“ auseinandergesetzt und sie zu nutzen gewusst, hätte er vielleicht seine Glaubwürdigkeit wiederhergestellt. Was schlägt er vor? „Wir sollten wenigstens Me-

possa a princípio trazer à tona o urbanismo, possibilidades que só a fantasia especial do urbanismo pode cogitar e reanimar (...) A morte do urbanismo – nosso retorno à segurança parasitária da arquitetura – produz uma catástrofe imanente: cada vez mais substância é bombeada em raízes murchas (...) Primeiro sabotamos o urbanismo e no final o ridicularizamos com o sucesso que nesse meio tempo setores inteiros em universidades são encurralados, escritórios de arquitetura abrem concursos, e repartições públicas são extintas ou privatizadas (...).“²³

Não que o planejamento não existisse; afinal, somas de dinheiro e energia foram direcionadas para lá, mas é frequentemente irrelevante. Pois o que acontece se, apesar disso, existe de um lado inúmeros apartamentos demasiadamente caros, e, do outro lado, a demanda de moradias para aqueles que não têm condições é ignorada? Inconfundivelmente sarcástico, escreve Koolhaas: “a demanda de moradia não é problema: ou é resolvida ou é completamente relegada ao acaso: no primeiro caso a moradia é legal, no segundo, ‘illegal’; no primeiro caso prédios e vidraças (...) no segundo (...) uma superfície de barracos paliativos. Uma solução reivindica o céu; a outra, a terra. É estranho que aqueles que têm menos dinheiro habitem o bem mais caro, o chão, e aqueles que têm dinheiro suficiente, aquilo que não custa nada – o ar.“²⁴

O fato de Koolhaas direcionar sua crítica para o caso extremo, em que processos de ocupação ilegal estão muito mais desenvolvidos, em nada altera a existência, em muitas metrópoles europeias, de outros tantos, incontáveis, sem moradia fixa. Na opinião de Koolhaas, se nosso ramo profissional se tivesse ocupado em conjunto, dos “desenvolvimentos dramáticos e sociais” e soubesse tê-los utilizado, talvez tivesse restabelecido sua credibilidade. O que ele propõe? “Precisamos

thoden finden, Unausweichliches zu beeinflussen. Und – und das ist vielleicht das Wichtigste, andere Vorstellungen einer Stadt entwickeln. Und damit : Risiken eingehen.“ Dass diese Sätze einen offenen und unverbindlichen Eindruck machen, ist Ausdruck der Schwierigkeit der Lage und zeigt den Stand der Diskussion – immerhin aber wird geredet, weiter ist man nicht – die Aufgaben liegen vor uns.

Zum Beispiel hieße das, auf dem bisher eingeschlagenen Weg umzukehren: die Entthronung des falschen Ideals *Sicherheit*, die nur so vonstatten gehen könnte, dass über all das, was der Begriff im heutigen Gebrauch impliziert, aufgeklärt, dass seine geheime Bedeutung offengelegt würde: Sicherheit nur für die einen, Ausgrenzung für die anderen. Das wäre einer der Ausgangspunkte der Umkehr. Somit stünde am Anfang der Umorientierung nichts weniger als die Prüfung der Sprachfallen, in denen wir festgehalten werden. Die psychisch hochbesetzten, verführerischen Begriffe, die im Dienste eines stadtzerstörerischen Sicherheitswahns stehen, müssten ihrer missbräuchlichen und überdimensionierten Instrumentalisierung überführt werden und in ein neues Verhältnis zu beinahe verloren gegangenen Begriffen gesetzt werden, die für vernachlässigte Eigenschaften urbaner Städte stehen.

Koolhaas redet von „Umverteilungen um die Neugestaltung des psychologischen Raumes“. Die notwendige Aufklärung situiert sich genau in diesem Feld: Sie müsste den Sicherheitsbegriff anders denken: nicht gegen die Ausgegrenzten, sondern gegen die Ausgrenzung. Alain Touraines „Es wird keine Versöhnung geben“, zeugt von einem begründeten Pessimismus. Wo wären dem gegenüber diejenigen zu vermuten, die *erstens* ein *anderes Bild* von Stadt entwickeln könnten und die sich *zweitens* für die Schwerarbeit *Aufklärung* engagierten?

ao menos encontrar métodos de influenciar o irremediável. E o mais importante talvez seja desenvolver outras ideias de cidade e, com isso, correr riscos“. A partir do momento em que essas frases dão uma impressão aberta e descomprometida, tornam-se expressão da dificuldade da situação e mostram o estado da discussão – apesar de tudo que se fala sobre o assunto, não se vai adiante – as tarefas estão à nossa frente.

Um exemplo seria inverter o caminho traçado até o momento: a destituição do falso ideal de *segurança*, que só assim se poderia realizar – esclarecendo sobretudo o que o uso do conceito implica hoje em dia, de forma que seu significado secreto seria revelado: segurança apenas para uns, segregação para outros. Esse seria um dos pontos de partida da inversão. Com isso, seria encontrada no começo da nova orientação nada menos do que a prova das armadilhas linguísticas nas quais estaremos presos. Os conceitos sedutores e altamente psíquicos que estão a serviço de uma loucura de segurança urbana destruidora precisariam ser convertidos em instrumentalização abusiva e sobredimensionada, e colocados numa nova relação com conceitos quase perdidos, que têm a ver com características menosprezadas dos centros urbanos.

Koolhaas fala de “redistribuições acerca da nova formação do espaço psicológico”. A explicação necessária situa-se exatamente nesse campo: se precisaria pensar o conceito de segurança de maneira diferente; não contra os segregados, mas contra a segregação. Alain Touraine mostra seu pessimismo fundamentado: “não existirá conciliação“. Onde estariam, em contrapartida, supostamente aqueles que *primeiro* poderiam desenvolver uma *outra imagem* de cidade e que *depois* se engajariam na difícil tarefa de *esclarecimento*?

Koolhaas plädiert wie Touraine dafür, sich auf „bescheidenere Neuansätze“ zu besinnen, auf „punktuelle Eingriffe“, „strategische Umorientierungen und Kompromisslösungen“, mit denen man vielleicht Einfluss nehmen, „einen neuen Anlauf“ machen, innerhalb bestimmter Grenzen Erfolg haben, andere Akzente setzen und „vielleicht sogar noch einmal bei Null“ anfangen könnte. Nach genau diesen Kriterien haben Paul Virilio und Chilpéric de Boiscaillé 1993/1994 den Städtebau-Wettbewerb *Bojen für Obdachlose*²³ angelegt, den sie als Mitglieder des von dem seinerzeitigen Ministerpräsidenten François Mitterrand ernannten *Hohen Komitees zur Unterbringung benachteiligter Personen* organisiert hatten. Ausgehend von Le Corbusiers Bild des großen Dampfers, Bild für die Stadt, stellten sie die Frage nach den Notbojen für die im Stadtschiff vom Untergang Bedrohten: „Wo sind die Rettungsinseln in den heutigen Metropolen?“ Nach Analyse der herrschenden Verhältnisse²⁴ forderten sie, dass die Städte neu ausgerüstet, das „städtische Mobiliar revolutioniert“ werden müsse.

Ihr Vorschlag lautete, die Stadt nach ökonomisch uninteressanten Zwischenräumen abzusuchen und diese Zwischenräume als „urbane Bojen“, als „Rettungsinseln“ (balises urbaines) mit Versorgungseinrichtungen „gegen das Scheitern“ auszustatten: Orte, an denen ganz einfache Dinge wie Gratis-Schließfächer zur Verfügung stehen, Orte, wo man sich waschen, rasieren, Kleider waschen und flicken kann, Orte aber auch mit anspruchsvollerer Infrastruktureinrichtungen wie Zugang zu all den Einrichtungen der Telekommunikationskultur. Dies seien heute die entscheidenden Voraussetzungen dafür, um „im gesellschaftlichen Spiel weiter mitzuspielen“. Die Alternative: der Abstieg ins Elend.

Was macht diesen Pariser Wettbewerb so außergewöhnlich? Dass ihm eine andere Lektüre von

Como Touraine, Koolhaas defende a ideia de refletir sobre “novas abordagens mais modestas”, “medidas pontuais”, “reorientações estratégicas e soluções compromissadas” com as quais talvez se ganhe influência, se possa fazer “uma nova tentativa”, ter sucesso dentro de determinados limites, tomar outros tons e poder começar “até mesmo talvez mais uma vez do zero”. Exatamente a partir desses critérios, Paul Virilio e Chilpéric de Boiscaillé criaram entre 1993 e 1994 o concurso de urbanismo Boia para Sem-Tetos,²⁵ do qual foram nomeados pelo primeiro ministro da época, François Mitterrand, membros do Comitê Superior para Acolhimento de Pessoas Desfavorecidas. Tendo como ponto de partida para pensar a cidade a imagem do grande navio de Le Corbusier, eles fazem um questionamento sobre as boias salva-vidas para aqueles que estão em risco diante do naufrágio do navio urbano: “onde estão os botes salva-vidas nas metrópoles atuais?” A partir da análise das condições dominantes,²⁶ eles exigem que as cidades sejam aparelhadas de forma nova, argumentando que “o equipamento urbano” precisa ser “revolucionado”.

A proposta de ambos era vasculhar espaços “entre” economicamente desinteressantes na cidade e equipá-los como “boias urbanas”, “barcos salva-vidas” (balises urbaines) com material de apoio “contra o fracasso”: lugares nos quais coisas bastante simples como armários gratuitos com chaves estariam disponíveis, lugares onde se poderia tomar banho, barbear, lavar e consertar roupas, mas também lugares com infraestrutura mais elaborada que oferecesse acesso a facilidades da cultura de telecomunicações. Essas são hoje as condições decisivas para poder “continuar a jogar o jogo social”, e a alternativa, o fundamento na miséria.

O que faz esse concurso parisiense ser tão extraordinário? O fato de ele conter outra base de lei-



Condomínios fechados
Eingeäunte Häuserkomplexe
Ipanema, Rio de Janeiro, 2012
Foto Elisabeth Blum

Stadtplänen zugrunde liegt. Wir alle sind Profis im Lesen von Stadtplänen, Architekten besonders.

Wenn wir in Städte reisen oder an Stadtpläne denken, tauchen vor unseren Augen – je nachdem, wie unsere Interessen gelagert sind – *Figuren städtischer Infrastrukturen* auf: Spezialisierte netzartige Darstellungen für all jene gesellschaftlichen Gruppierungen, die durch private, halböffentliche oder öffentliche Einrichtungen im Gefüge der Stadt bedacht oder repräsentiert sind: Stadtpläne mit Symbolen für Theater, Bibliotheken, Feinschmeckerrestaurants, U-

tura para o planejamento urbano. Somos todos profissionais na leitura de planejamentos urbanos, especialmente os arquitetos. Quando viajamos ou pensamos em planejamento urbano, saltam aos olhos – dependendo de nossos interesses – *objetos de infraestrutura urbana*: representações especializadas em rede para todo tipo de grupos sociais, que são pensados ou representados através de instituições privadas, de capital misto ou públicas na estrutura da cidade: plantas urbanas com símbolos para teatros, bibliotecas, restaurantes *gourmets*, estações de metrô, igrejas, museus, *shopping centers*, hotéis, etc. Será que a história do urbanismo não nos ajuda a entender o propósito e como se mostram relações de poder cambiantes através de sua própria representação material no plano urbano?

Bahn-Stationen, Kirchen, Museen, Shopping Malls, Hotels usw. Lehrt uns die Geschichte des Städtebaus nicht zu verstehen, dass und wie sich wechselnde Machtverhältnisse durch ihre jeweilige bauliche Repräsentation im Stadtplan zeigen?

Virilio liest Stadtpläne gegen den Strich. Er stellt fest, dass einer wachsenden Gruppe der Bevölkerung das Recht auf unbeschränkten Zugang und Repräsentanz in der Stadt abgesprochen wird, dass die zur Verfügung stehenden Einrichtungen nicht nur überwiegend für Menschen mit Geld da sind, sondern dass die es sich dazu noch leisten können, dafür sorgen zu lassen, dass Unerwünschte draußen bleiben. Virilio fordert nicht das eine oder andere Obdachlosenheim mehr, sondern eine neue ‚repräsentative‘ Figur im Stadtplan, eine zusätzliche Struktur von Ausrüstungen oder Einrichtungen, die der neuen städtischen Schicht der Ausgegrenzten gesellschaftliches Überleben garantieren soll.

Eine brisante politische Forderung. Sie löst deswegen größtes Unbehagen aus, weil sie, *ers tens*, nicht mehr so tut, als ob sich alles schon irgendwie wieder einrenken lassen würde, und weil sie, *zweitens*, den immensen Investitionen in Verdrängungsleistungen – äußerst brutale und teure Formen der Ausgrenzung – ein anderes *Modell der Investition* entgegenstellt. Ich weiß nicht, ob man diesen Anfang Integration nennen soll, aber es ist der erste Schritt zur Aufkündigung von Verdrängungspraktiken, zur Anerkennung einer neuen Realität, und darüber hinaus der Versuch, dieser Realität in der Stadt Raum zuzugestehen, diese Realität im Gefüge der Stadt in Form neuer Institutionen zu repräsentieren. Wenn wir uns an Koolhaas’ Kriterien erinnern, zeigt der Vorschlag auf jeden Fall eine strategische Neuorientierung (Investition in eine neue städtebauliche Figur), die selbstverständlich einer Kompromisslösung inner-

Virilio lê planejamentos urbanos contra a corrente. Entende que uma parcela cada vez maior da população tem negados o direito de livre acesso e à representatividade na cidade, que os equipamentos disponíveis não só em maior parte estão à disposição daqueles que têm dinheiro, como também servem para que estes últimos consigam manter os indesejáveis do lado de fora. Virilio não exige mais lugares para acolhimento de desabrigados, mas sim um novo elemento ‘representativo’ no plano urbano, uma estrutura extra de equipamentos e instituições que deve garantir a sobrevivência social da nova classe urbana de excluídos.

Trata-se de exigência política conflituosa que desencadeia, portanto, um grande mal-estar. Em primeiro lugar, porque não faz de conta que tudo de alguma forma fosse outra vez se reduzir e, em segundo lugar, porque os imensos investimentos em remoção de populações – formas extremamente brutais e caras de segregação – servem de contraponto para um outro *modelo de investimento*. Eu não sei se esse começo pode ser chamado de integração, porém é o primeiro passo para a interrupção de práticas de desalojamento, para o reconhecimento de uma nova realidade e, sobretudo, a tentativa de reconhecer espaço nessa realidade da cidade, representar essa realidade no espaço urbano na forma de novas instituições. Se nos lembrarmos dos critérios de Koolhaas, a proposta mostra definitivamente uma reorientação estratégica (investimento num novo modelo urbanístico) que obviamente vem acompanhada de uma solução compromissada dentro das circunstâncias existentes: “é muito mais urgente suprimir o mal-estar insuportável do que fazer alguma coisa boa.”²⁷ Um palpite, mas que também ganha influência sobre a realidade dominante e sobre o pensamento – de qual-

halb der bestehenden Verhältnisse gleichkommt: „Es ist sehr viel dringender, unerträgliche Übel zu beseitigen, als Gutes zu schaffen.“²⁵ Ein Vorschlag aber auch, der Einfluss auf die herrschende Realität und aufs Denken nehmen – immerhin werden Fragen nach heutigen Formen der Existenzsicherung, nach möglichen künftigen Infrastrukturen in den Städten aufgeworfen – und innerhalb bestimmter Grenzen Erfolg haben könnte. Es handelt sich um ein Konzept, das nicht nur den Zugang zu neuen öffentlichen Einrichtungen fordert, sondern diese als Sprungbrett zur Rückkehr ins gesellschaftliche Leben deklariert. Wäre diese Figur erst einmal in ihrer beschriebenen Form in den Städten installiert, dann könnte sie unvorhersehbare Erweiterungen bewirken. Was zu Anfang für die Sans-Abris gedacht war, könnte sich zu einer Infrastruktur-Figur für eine viel breiter angelegte Schicht künftiger Stadtbewohner entwickeln, für all jene nämlich, die nicht mehr das traditionelle Laufbahn-Leben absolvieren werden, die im Verlauf ihres Lebens mal Arbeit haben, mal keine, mal begüterter sein werden, mal arm, mal im Familienzusammenhang, mal allein oder in kleineren oder größeren Gruppen leben und davon abhängig sein werden, sich in diesen verschiedenen Phasen ihres Lebens je anders in ihre oder in andere Städte „einstöpseln“ zu können.

Der Begriff *einstöpseln* geht auf die Architektengruppe *Archigram*²⁶ zurück, die in den sechziger Jahren, wenn auch unter ganz anderen gesellschaftlichen Bedingungen, ein außergewöhnliches *Bild* für das Verhältnis zwischen Individuum und Stadt entworfen hat, das als Beziehungs-Struktur für die heutige Situation Modell sein könnte. In die kürzestmögliche Form gebracht sei die Stadt „eine Maschine, um sich einzustöpseln.“ Damit ist auf prägnanteste Weise das Problem formuliert, das die nächsten Generationen von Urbanisten für

quer maneira são levantadas perguntas sobre as formas atuais de garantia da existência, de acordo com infraestruturas futuras possíveis nas cidades – e que poderia ter sucesso dentro de certas medidas. Trata-se de um conceito que não apenas exige acesso às novas instituições públicas como também as declara trampolim para o retorno à vida na sociedade. Se esse modelo fosse instalado nas cidades conforme descrito, poderia trazer desdobramentos imprevisíveis. O que no começo tinha sido pensado para os desabrigados se poderia desenvolver num modelo de infraestrutura para uma camada muito maior de cidadãos futuramente, para todos aqueles que não conseguem mais seguir a jornada de vida tradicional, que ao longo da vida às vezes têm trabalho, às vezes não; às vezes têm condições, outras vezes é pobre; muitas vezes estão dentro de um círculo familiar, outras vezes, sozinhos. Vivem em grupos pequenos ou grandes e são dependentes de como se poderão “plugar” em suas ou em outras cidades, de acordo com a situação, nessas diferentes fases de suas vidas.

O termo “plugar” (*einstöpseln*) vem do grupo de arquitetos Archigram,²⁸ que nos anos 60, mesmo em condições sociais muito diferentes, criou uma imagem extraordinária para a relação entre indivíduo e cidade que poderia ser modelo, como estrutura de relação, para a situação atual. Na forma mais sucinta possível, a cidade é “uma máquina para conectar-se”. Com isso o problema está formulado de maneira mais pregnante para as próximas gerações de urbanistas, que terão que resolvê-lo de forma nova para um novo tempo. Hoje, ao que parece, essa nova geração precisa transpor as fronteiras estreitas da covardia, esse medo de intromissão em questões tão fora de moda, como aquelas sobre a possibilidade de como, de alguma forma, seria possível inventar outra vez uma soci-

eine neue Zeit neu zu lösen haben werden. Wie es heute aussieht, braucht es diese neue Generation, um die engen Grenzen der Feigheit, diese Ängstlichkeit vor Einmischung in so altmodische Fragen wie die nach der Möglichkeit, wie denn eine einigermaßen gerechte Gesellschaft wieder einmal zu erfinden wäre, zu überwinden. Um Städte zu erfinden – living cities, wie die Archigram-Leute sagten, lebende Städte, die sich verändern, atmen, wachsen, schrumpfen –, die so ausgerüstet sein müssten, dass sie den wechselnden Bedürfnissen ihrer nomadisierenden Menschen in jeder Lebenslage unterschiedliche Weisen des Sich-Einstöpselns bieten könnten: Plug-in-Cities.

„Sollte es einen neuen Urbanismus geben“, so Rem Koolhaas, „wird er vorerst einmal Unsicherheit stiften“, es gehe nicht um die Planung dauerhafter Objekte, sondern um die „Bereitstellung von Möglichkeitsfeldern“ für Prozesse, nicht um Definition von Grenzen, sondern um die Erweiterung von Vorstellungen, um die bewusste Handhabung der Infrastruktur.²⁷ Formulierungen, die den anstehenden konkret-utopischen Horizont dessen umreißen, was in Zukunft städtebauliches Entwerfen heißen wird.

Erschienen in: **City-Lights**. Zentren, Peripherien, Regionen. Interdisziplinäre Positionen für eine urbane Kultur Wien, Köln, Weimar (Böhlau-Verlag) 2002

Elisabeth Blum ist Architektin, Autorin, Mitglied des Beirats der Buchreihe *Bauwelt Fundamente* (Birkhäuser-Verlag, Basel) und der Künstlergruppe diehasena. Sie hat über die räumlich-ästhetische Wahrnehmung von Architektur und Stadt gearbeitet sowie über die Urbanisierung informeller Siedlungen in Rio de Janeiro und São Paulo und den Investment-Urbanismus in Dubai. Sie ist Autorin / Herausgeberin von: *Atmosphäre. Hypothesen zum Prozess der räumlichen Wahrnehmung* (2010), *Dubai. Stadt*

edade, em certa medida, justa. Para criar cidades – *living cities*, como os membros do Archigram diziam, cidades vivas, que se transformam, respiram, crescem, encolhem – que precisariam ser tão equipadas a ponto de poder oferecer às diferentes necessidades de suas pessoas nômades, em toda situação de vida, formas diferentes de poder plugar-se: *Plug-in-Cities*.

“Caso exista um novo urbanismo”, segundo Rem Koolhaas, “primeiro ele trará insegurança”; não se trata do planejamento de objetos permanentes, mas da “preparação de campos de possibilidade” para processos. Não se trata da definição de fronteiras, mas da expansão de ideias, para a manipulação consciente da infraestrutura.²⁹ Formulações que explicam e esboçam o que no horizonte utópico concreto do futuro significará planejamento urbano.

Elisabeth Blum é arquiteta, membro do conselho da série de livros *Bauwelt Fundamente* (Birkhäuser-Verlag, Basel) e do grupo artístico diehasena. Trabalhou com a percepção espacial e estética da arquitetura e da cidade, a urbanização de moradias informais no Rio de Janeiro e em São Paulo e o investimento urbanístico em Dubai. É autora/editora de: *Atmosfera. Hipóteses sobre o processo da percepção espacial* (2010), Dubai. Cidade do nada (Co-Ed., 2004), Bela cidade nova. Como o discurso da segurança disciplina o mundo urbano (2003), *Boulevard Ecke Dschungel. Protocolo da cidade* (Co-Ed., 2002), Uma casa, uma rebelião. Notas sobre a estação de bombeiros de Zaha Hadid (1997), A quem pertence a cidade? Pobreza e sem-tetos nas metrópoles (1996), Caminhos de Le Corbusiers. Como o encantamento entra em marcha (1998; 2003).

Notas

¹ Texto publicado em: *CityLights. Centros, Periferias, Regiões. Posições interdisciplinares para uma*

aus dem Nichts (Co-Hg., 2009), *FavelaMetropolis. Berichte und Projekte aus Rio de Janeiro und São Paulo* (Co-Hg., 2004), *Schöne neue Stadt. Wie der Sicherheitsdiskurs die urbane Welt diszipliniert* (2003), *Boulevard Ecke Dschungel. Stadtprotokolle* (Co-Hg., 2002), *Ein Haus ein Aufruhr. Anmerkungen zu Zaha Hadids Feuerwehrhaus* (1997), *Wem gehört die Stadt? Armut und Obdachlosigkeit in den Metropolen* (1996), *Le Corbusiers Wege. Wie das Zauberverwerk in Gang gesetzt wird* (1988; 32003).

Anmerkungen

1 Jean Starobinski, *Das Leben der Augen*, Frankfurt a.M., Berlin, Wien 1984

2 Ausführlichere Überlegungen dazu in meinem Aufsatz *Zeichen von Barbarei: die neue panoptische Stadt*, in: *CENTRUM. Jahrbuch Architektur und Stadt 1999-2000*, Basel, Gütersloh Berlin 1999

3 Thomas Darnstdt, *Der Ruf nach mehr Obrigkeit*, in: *Der Spiegel 28* (1997), 48-61

4 Paul Virilio, *Der negative Horizont*, München 1989, 232

5 Ausfhrlicher in meinem Aufsatz *Fremde in der Stadt*, in: *Centrum. Jahrbuch Architektur und Stadt 1998-1999*, Wiesbaden 1998. Vgl. auch: Loc Wacquant, *Niedergang des Sozialstaats, Aufrüstung des Strafstaats*. In den USA wird die Armut bekämpft, indem man sie kriminalisiert, in: *Le Monde diplomatique*, Juli 1998

6 Darnstdt a.a.O.

7 Eva Wyss, *Zerbrochene Fenster müssen sofort repariert werden*. In: *Neue Zürcher Zeitung*, Nr. 43, vom 21./22. Februar 1998, S.81-82

8 Beatrice Schlag, *Selbstmord live*, in: *Das Magazin* Nr.44, 1999, *Tages-Anzeiger* (Zürich)

9 Darnstdt, a.a.O.

10 Alain Touraine, *Die Stadt – ein überholter Entwurf?*, in: *Die Stadt, Ort der Gegensätze*, in: *Demokratische Gemeinde*, Sondernummer, März 1996, 24ff

11 Margrit Sprecher, *Der kleine Feind. Die Hrte der Justiz gegen den elfjhrigen Raoul Wthrich zeigt: Den Amerikanern sind ihre eigenen Kinder unheimlich geworden*. In: *Die Zeit*, Nr. 44, 28 de out. 1999.

cultura urbana. Viena, Colônia, Weimar (Editora Böhlau-Verlag), 2002.

2 Tambem traduzido como pltica social. (NT)

3 Jean Starobinski, *Das Leben der Augen*, Frankfurt a.M., Berlin, Wien, 1984.

4 Ver reflexões mais completas sobre o tema em meu texto *Zeichen von Barbarei: die neue panoptische Stadt*. In: *Centrum. Jahrbuch Architektur und Stadt 1999-2000*, Basel, Gütersloh, Berlin, 1999.

5 Thomas Darnstdt, *Der Ruf nach mehr Obrigkeit*. In: *Der Spiegel 28*, 1997: 48-61.

6 Paul Virilio, *Der negative Horizont*, München, 1989: 232.

7 Ver informao mais completa em meu texto *Fremde in der Stadt*. In: *Centrum. Jahrbuch Architektur und Stadt 1998-1999*, Wiesbaden 1998. Ver tambem: Loc Wacquant, *Niedergang des Sozialstaats, Aufrüstung des Strafstaats*. In den USA wird die Armut bekämpft, indem man sie kriminalisiert. In: *Le Monde diplomatique*, jul. 1998.

8 Darnstdt, loc. cit.

9 Eva Wyss, *Zerbrochene Fenster müssen sofort repariert werden*. In: *Neue Zürcher Zeitung*, Nr. 43, 21/22 de fev. 1998: 81-82.

10 Beatrice Schlag, *Selbstmord Live*. In: *Das Magazin* Nr. 44, 1999, *Tages-Anzeiger* (Zürich).

11 Darnstdt, loc. cit.

12 Alain Touraine, *Die Stadt – ein überholter Entwurf?* In: *Die Stadt, Ort der Gegensätze*. In: *Demokratische Gemeinde*, Sondernummer, mar. 1996: 24ss.

13 Margrit Sprecher, *Der kleine Feind. Die Hrte der Justiz gegen den elfjhrigen Raoul Wthrich zeigt: Den Amerikanern sind ihre eigenen Kinder unheimlich geworden*. In: *Die Zeit*, Nr. 44, 28 de out. 1999.

14 Mike Davis, *City of Quartz. Ausgrabungen der Zukunft in Los Angeles und neuere Aufsätze*. Berlin, Göttingen, 1994: 268.

15 Michel Foucault, *Überwachen und Strafen. Die Geburt des Gefängnisses*, Frankfurt a.M., 1977: 145.

- Amerikanern sind ihre eigenen Kinder unheimlich geworden, in: Die Zeit, Nr.44, 28. Oktober 1999
- 12** Mike Davis, *City of Quartz. Ausgrabungen der Zukunft in Los Angeles und neuere Aufsätze*. Berlin, Göttingen 1994, 268
- 13** Michel Foucault, Überwachen und Strafen. Die Geburt des Gefängnisses, Frankfurt a.M. 1977, 145
- 14** Foucault, a.a.O., 286
- 15** Foucault, a.a.O., 221
- 16** Walter Siebel, Die Stadt und die Fremden,.in: Brech, J.; Vanhué, L.. (Hg.), *Migration. Stadt im Wandel*, Darmstadt 1997, 34
- 17** Vgl. u.a. Volker Harlan, Was ist Kunst? Werkstattgespräch mit Beuys, Stuttgart 1987, 27ff
- 18** Saskia Sassen, *Metropolen des Weltmarkts. Die neue Rolle der Global Cities*, Frankfurt am Main/New York 1996, 168
- 19** Touraine, a.a.O., 24
- 20** Richard Sennett, *Der flexible Mensch. Die Kultur des neuen Kapitalismus*, Berlin 1998, 129, Anm. 27
- 21** Rem Koolhaas, Die Stadt ohne Eigenschaften, in: ARCH+ 132, Juni 1996
- 22** Koolhaas, a.a.O.
- 23** Bettina Kaps, Bojen für Obdachlose. Ein Wettbewerb, eine Ausstellung und fast keine Folgen, in: *WochenZeitung* Nr.16, 1994. Dazu ein weiterführendes Projekt: Elisabeth Blum, An Urban Pilot Project, in: *TransCity. Die Stadt des 21. Jahrhunderts*, Zürich 1997, 143ff
- 24** Elisabeth Blum, Wem gehört die Stadt? Armut und Obdachlosigkeit in den Metropolen, Basel 1996, 23ff
- 25** Avishai Margalit, Politik der Würde. Über Achtung und Verachtung, dt. von G. Schmidt und A. Vonderstein, Berlin 1997, 19
- 26** Archigram XX – Vgl. auch Elisabeth Blum, Ob sich erneut ein Aufstand lohnt? In: CENTRUM. Jahrbuch Architektur und Stadt 1995, Gütersloh 1995, 42ff
- 27** Vgl. Koolhaas, a.a.O.
- 16** Foucault, op. cit., 286.
- 17** Foucault, op. cit., 221.
- 18** Walter Siebel, Die Stadt und die Fremden. In: Brech, J.; Vanhué, L. (Ed.), *Migration. Stadt im Wandel*, Darmstadt, 1997: 34.
- 19** Ver, entre outros, Volker Harlan, *Was ist Kunst? Werkstattgespräch mit Beuys*, Stuttgart, 1987: 27ss.
- 20** Saskia Sassen, *Metropolen des Weltmarkts. Die neue Rolle der Global Cities*, Frankfurt am Main/New York, 1996: 168.
- 21** Touraine, loc. cit. 24.
- 22** Richard Sennett, *Der flexible Mensch. Die Kultur des neuen Kapitalismus*, Berlin 1998: 129, Nota 27.
- 23** Rem Koolhaas, Die Stadt ohne Eigenschaften. In: ARCH+ 132, jun. 1996.
- 24** Koolhaas, op. cit.
- 25** Bettina Kaps, Bojen für Obdachlose. Ein Wettbewerb, eine Ausstellung und fast keine Folgen. In: *Wochenzeitung* Nr. 16, 1994. Dazu ein weiterführendes Projekt: Elisabeth Blum, An Urban Pilot Project. In: *TransCity. Die Stadt des 21. Jahrhunderts*, Zürich, 1997: 143ss.
- 26** Elisabeth Blum, *Wem gehört die Stadt? Armut und Obdachlosigkeit in den Metropolen*, Basel, 1996: 23ss.
- 27** Avishai Margalit, *Politik der Würde. Über Achtung und Verachtung*. Trad. de G. Schmidt e A. Vonderstein, Berlin, 1997:19.
- 28** Archigram XX – Ver também Elisabeth Blum, Ob sich erneut ein Aufstand lohnt? In: *Centrum. Jahrbuch Architektur und Stadt* 1995, Gütersloh, 1995: 42ss.
- 29** Ver Koolhaas, op. cit.

Tradução/Übersetzung Paulo Leal
Revisão Técnica/Technisches Korrektur Lesen
 Marília Palmeira, Carolina Paoletti